

# ESPAÇO ABERTO

ESPAÇO ABERTO

## CÍRCULO DE LEITURA: RESSIGNIFICANDO EXPERIÊNCIAS

Verônica Bohm<sup>1</sup>  
Marli Cristina Tasca Marangoni<sup>2</sup>

*Porque, na minha opinião, não seriam meus leitores, mas leitores de si mesmo, meu livro não passando de uma espécie de lentes de aumento como aquelas que oferecia a um freguês o dono da ótica de Combray; meu livro graças ao qual eu lhes forneceria o meio de lerem a si mesmo.*

(PROUST, 1991, p. 174).

Em Busca do Tempo Perdido - No caminho de Swann (vol. 1)  
Porto Alegre: Globo.

---

1 Mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). Coordenadora do Prolonge (CESF) e docente da Faculdade da Serra Gaúcha (FSG). E-mail: [vebohm@bol.com.br](mailto:vebohm@bol.com.br)

2 Mestre em Letras e Cultura Regional (UCS). Docente do Centro de Ensino Superior Cenecista de Farroupilha (CESF) e mediadora do Círculo de Leitura Prolonge. E-mail: [marli.tasca@terra.com.br](mailto:marli.tasca@terra.com.br)

Estud. interdiscipl. envelhec., Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 143-157, 2011.

resumo

Envelhecer não é mais sinônimo de estagnação e de falta de perspectivas, pois, na atualidade, entende-se que o sujeito continua aprendendo e formando-se, ao longo de toda a vida. O presente texto relata a experiência de um círculo de leitura voltado a pessoas em idade madura, embasando-se em estudos de Yunes (1999), Vargas (1997), Zilberman (2001), Iser (1996) e Bobbio (1997), para investigar a leitura como possibilidade de ressignificar a realidade externa e interna. Ler em círculo revela-se um exercício solidário e intersubjetivo de renovação da prática de leitura, que propõe aos interlocutores, novos encontros e diálogos.

palavras-chave

Círculo de Leitura. Velhice. Experiências. Intersubjetividade.

Envelhecer é um processo que deveria ser encarado como natural, pois nos acompanha ao longo de todo o ciclo vital. Geralmente, as pessoas apenas percebem tal processo quando chegam à velhice. Fase da vida que pode gerar uma série de inquietações, pois é quando a finitude do ser humano se evidencia de forma incontestável. Diante da possibilidade de ressignificar experiências e lembranças de uma vida, o Centro de Ensino Superior Cenequista de Farroupilha – CESF oportunizou a mulheres com mais de 50 anos uma atividade que possibilitava a ressignificação dessas memórias. Assim, foi oferecido à população farroupilhense o Círculo de Leitura. Atividade essa, que foi inserida dentro de um programa já existente na instituição, denominado PROLONGE (Programa para Longevidade e Educação). Esse é coordenado por uma psicóloga, a qual participou da idealização e das discussões referentes a esta atividade, junto à professora formada em Letras, que não apenas organizou os encontros, mas também se entregou a experiência de *saborear* esses novos sentidos.

Inúmeras são as teorias que versam sobre a velhice. Teorias psicológicas, sociológicas, antropológicas, algumas, propondo alternativas para se envelhecer bem, outras, mostrando visões diferenciadas em relação a esta etapa da vida. Sabemos da importância de cada uma dessas teorias, e, inclusive, nos embasamos em teorias como a de Baltes e Baltes (*apud* NERI, 2002), entendendo o envelhecimento como processo dialético, heterogêneo, para iniciar a experiência que queremos compartilhar neste momento.

Este texto busca compartilhar com os leitores a descoberta, feita por mulheres maduras, sobre novas possibilidades que encontraram na velhice, através da literatura. Outrossim, talvez seja possível dizer que essas mulheres encontraram novas doses para equilibrar os ingredientes que compõem a receita ideal de suas vidas.

Para a elaboração desta atividade, partiu-se da convicção de que o aprendizado pode acontecer em todas as etapas da vida, desde que haja o desejo da troca. E aqui o aprender foi entendido não apenas como conhecer algo novo, mas como se apropriar de um saber que permitisse uma nova possibilidade de viver, de ressignificar experiências, através da intrínseca relação entre os conteúdos apresentados a cada novo encontro e das reflexões espontâneas por eles provocadas em cada uma das alunas. Para Both (2001, p. 35), aprender não significa somente traduzir o que é aprendido com suas próprias palavras, mas envolver-se com o que é aprendido, dizendo o que aquele conhecimento tem a ver com sua vida e a vida dos outros, ou do seu entorno.

Para os que ainda têm alguma dúvida de que essa etapa do ciclo vital pode ser uma fase extremamente produtiva, queremos provocá-los a saborear a experiência de um Círculo de Leitura. Há mais de cinco anos, o Centro de Ensino Superior Cenequista de Farroupilha (CESF) vem desenvolvendo atividades voltadas às pessoas com mais de 50 anos, no município de Farroupilha – RS. Após algum tempo de planejamento, no primeiro semestre de 2009, teve início o Círculo de Leitura. Inicialmente, pensou-se em oferecer à comunidade uma atividade diferenciada, que fosse além do que vinha sendo oportunizado, até então. Surgiu a ideia de trabalhar com a literatura, a fim de tentar apresentar outros mundos para essas pessoas. Também foi sugerido à atividade, o nome *Círculo de Leitura*, pois não se tinha a pretensão de ensinar, mas sim de compartilhar, viabilizando aos leitores exercerem um espaço de liberdade dentro do texto.

Os estudos mais recentes acerca da leitura detêm-se justamente sobre o lugar do leitor na construção de sentidos, deslocando a importância, anteriormente centralizada no autor, ou na obra em si, e postulando uma interação entre o texto e aquele que o lê. A respeito disso, Iser (1996, p. 53) propõe a substituição da pergunta sobre o que significa o texto, pela pergunta sobre o que sucede com o leitor quando, com sua leitura, dá vida aos textos ficcionais. Dessa maneira, a significação passa a ser compreendida mais como o produto de efeitos atualizados e experimentados, do que como uma ideia que antecede a obra e se manifesta nela. Conforme propõe a teoria do efeito estético, a obra resulta da aplicação da subjetividade compreensiva do leitor às estruturas possibilitadas pelo texto. Tal perspectiva concebe o momento

da leitura como a atualização da produção, na medida em que o interlocutor a presentifica, a partir de suas vivências. Foi essa a concepção de leitura que sustentou a proposição do Círculo.

Os círculos de leitura configuram uma modalidade de prática leitora que se organiza em torno da partilha de textos e de pontos de vista sobre os mesmos. A proposta centraliza a realização de encontros durante os quais não se desenvolve uma aula, mas um exercício coletivo de leitura e discussão, orientado por um leitor-guia, ou mediador de leitura. O nome da atividade também faz alusão ao leiaute da sala, por acreditar-se que, desta forma, a palavra e os sentimentos também circulam com mais facilidade e fluência. O círculo em movimento propõe que se dê o passo, insinua um ritmo coletivo, ampara a queda, se alguém tropeçar. No círculo, todos se movem, podem contemplar-se mutuamente e trocam sucessivamente de lugar. As mãos dadas submetem a solidão e, ao menos naquele momento, amparam-se no roda mundo, roda vida. Por tais aspectos, a organização em círculo exprime a proposição de leitura solidária que foi concebida.

A pesquisadora Eliana Yunes (1999, p. 17) discute a motivação dos círculos de leitura, assinalando que a nossa memória mais antiga da roda vem da infância, através das cantigas – as cirandas –, em que “[...] um círculo de brincantes, de braços abertos e mãos dadas, se move para lá e para cá, abrindo-se e fechando-se para receber/ acolher quem chega, no seu corpo”. Mas tais memórias pertencem, igualmente, à infância humana, concretizando-se nas reuniões que se faziam em torno do fogo, em tempos primordiais, para desafios, cantos, danças e contos, assim como para trocar saberes, notícias e comunicar afetos. Tais trocas, segundo a mesma autora, “[...] não só de pares e olhares, mas de gestos e palavras, de intenções e desejos, de lembranças e aspirações, de fazeres e inspirações, encenam a vida”.

Os círculos de leitura baseiam-se, justamente, nessa atmosfera de troca, simbolizada pela soma das individualidades. Para Yunes (1999, p. 21), “[...] ler em círculo é não se deixar andar (falar) em círculos. É abrir-se para as leituras dos outros enquanto lhes facultamos as nossas. Daí para o diálogo que faz crescer leitores é um passo. Para dentro da leitura”. A novidade não está na leitura em círculo, mas em fazê-lo para aproximar leitores na troca de suas interpretações – sobretudo tratando-se de sujeitos que, via de regra, foram educados a silenciar –, no intuito de favorecer a experiência de *dizer* e *dizer-se*, sem constrangimentos, temores, disputas e exibicionismos.

Os encontros, que tinham periodicidade semanal, foram propostos com o objetivo de oportunizar a leitura solidária de textos literários diversos, de maneira prazerosa, buscando qualificar a interação pessoal com a palavra

escrita e viabilizar a partilha dos processos e sentidos vivenciados. Além disso, o intuito era de apoiar as leitoras na reflexão em torno de si mesmas e do outro, através do texto literário e da intervenção de outras linguagens, postas em diálogo. Acredita-se que a leitura e o debate em grupo criam um espaço para a divisão das experiências individuais, que se entrelaçam ao texto artístico e alcançam o território coletivo, ressignificadas. Nesse sentido, a entrega e a comunhão de experiências, convicções e temores, que, nessa faixa etária, dispõem de um lugar social estreito, concretiza-se pela via do *outro*, representado pelo texto literário. Essa característica torna menos evidente a exposição pessoal, ao mesmo tempo em que alimenta os vínculos entre os partícipes, já que eles não dividem apenas suas opiniões e concepções racionais, mas deixam entrever suas sensibilidades e emoções.

Para *abrir o apetite* das pessoas em relação a esta nova proposta, foi realizada uma palestra inaugural com a mediadora dos encontros, a qual foi encerrada com um verso extremamente provocativo de autoria de Adélia Prado (1991, p. 155): “[...] não quero faca, nem queijo. Quero a fome.” Neste momento, a reflexão construída era a de que sempre podemos ser os atores de nossas vidas e decidir o que queremos para nós. O público pertencente à faixa etária delimitada encontra-se em um momento peculiar da vida, em que os sujeitos já venceram grandes dificuldades, cumpriram uma trajetória significativa no trabalho e na família, conquistaram certa estabilidade pessoal e financeira, isto é, têm em mãos a faca e o queijo. Importa, então, seguir alimentando a fome, o desejo de novos projetos, de outras experiências, de diferentes sabores e texturas. A vida está intimamente ligada à aprendizagem, de modo que, dispor-se a continuar aprendendo, inclusive através da leitura, é uma atitude que inquieta, desassossega e vivifica.

A partir dessa instigação, as primeiras alunas<sup>3</sup> inscreveram-se e o Círculo de Leitura teve seu início. O grupo foi sendo constituído exclusivamente por mulheres, fato esse constatado na maioria dos programas voltados para idosos. Uma reflexão possível a partir dessa constatação é a feminilização da velhice citada por Salgado (2002). Estatisticamente, é comprovado o fato de que as mulheres vivem mais do que os homens. As hipóteses são diversas, mas não pretendemos aqui nos debruçar sobre esses dados concretos. Preferimos fazer algumas inferências. A proposta do Círculo de Leitura é de que as palavras, as quais estão impregnadas de emoções, sensações e recordações,

---

3 Os nomes das participantes foram mantidos em sigilo, sendo empregados nomes de temperos para diferenciar as falas de cada narrativa.

circulem livremente, sem barreiras. Não podemos desconsiderar o fato de que a atividade foi proposta em um município de colonização italiana, onde as pessoas que têm idade para frequentar este Círculo foram educadas em um contexto rígido, patriarcal, no qual os homens não deveriam expressar seus sentimentos e suas emoções espontaneamente, pois tal atitude era sinônimo de fragilidade.

O desenrolar da atividade foi norteado pela sensibilidade. Inicialmente, nos propusemos a seduzir para a experiência, sem muitas pretensões e sem roteiros demarcados. O desejo intenso de promover e experimentar interações através da leitura, também por parte da mediadora, mobilizou a busca por subsídios significativos para temperar a receita da atividade, e a refeição começou a ser preparada. Alguns elementos, também levantados por Yunes (1999), não foram perdidos de vista na organização, visando a iniciação a essa modalidade de leitura como prática prazerosa e capaz de (re)desenhar memórias felizes. Em relação à ambiência, pressupôs-se, não apenas a preocupação com o espaço físico que abrigaria os encontros, mas com o sustento de um *clima* adequado à convivência. O reduzido número de pessoas envolvidas constituiu um fator determinante para encorajar a entrada de todos na roda das discussões. Além disso, a propriedade dos textos oferecidos exigiu atenção especial, devido aos interesses peculiares do grupo, em vista da faixa etária, das diversificadas experiências de leitura que compunham o repertório do grupo e das exigências de brevidade (para que as leituras pudessem ser desdobradas e exploradas em profundidade ao longo de um encontro).

Para enriquecer a proposta, também foi relevante prever a intervenção de variadas linguagens (conto, poema, reportagem, entrevista, crônica, imagens, canções etc), o que viabilizou a abordagem a uma temática sob a perspectiva de diferentes discursos e vozes, ampliando a noção de leitura. Outra preocupação, que se fez presente desde o início da proposta, foi a abertura para que todos pudessem compartilhar com os demais suas experiências de leitura fora do Círculo, trazendo para o grupo diferentes olhares e exercitando também, na medida do seu desejo e disponibilidade, a mediação da leitura de outros. O tempo de duração dos encontros – que, segundo Yunes, não deve ser menor de 50 minutos nem ultrapassar os 90 minutos –, também foi considerado, tendo sido estipulada a duração de uma hora e meia, com certa flexibilidade, para evitar que a discussão encolhesse, ou se dispersasse. Finalmente, na realização da mediação das leituras, buscou-se ter em mente, como sugere Yunes (1999, p. 20), que a tarefa era “[...] selecionar, trançar, comparar e comentar as contribuições de cada ordem, sem impor preferências e ao mesmo tempo, sem tornar a leitura uma prática de vale-tudo”. Em

vista de tais elementos, a trajetória foi delineada de maneira aberta, mas, ao mesmo tempo, com sólidos pontos de ancoragem.

E a turma chegou... O medo do desconhecido, o retorno a um banco escolar, o temor em relação às pessoas que participariam (uma vez que a cidade é pequena e algumas inscritas representavam figuras de referência na educação do município), tudo isso fez parte dos dias que antecederam o início dos encontros, bem como do início propriamente dito da atividade.

Cada encontro foi planejado imaginando uma refeição, composta por aperitivo, prato principal e sobremesa. Assim, sem conhecer os *hábitos alimentares* de cada participante, o primeiro aperitivo foi uma breve apresentação, onde uma timidez inicial começou a ser quebrada. A turma estava formada por oito mulheres, com idades entre 50 e 84 anos, com formações diferenciadas. Três são professoras aposentadas, ambas referências no município em relação à educação. Duas das participantes sempre foram donas de casa, outras duas, desempenharam atividades nos negócios das suas respectivas famílias, sendo uma em escritório, e outra em comércio, e outra, ainda, trabalhou como funcionária pública. Quanto ao estado civil, uma é solteira, duas são separadas, quatro casadas e uma viúva. Algumas dentre as participantes realizam voluntariamente trabalhos junto à comunidade e à igreja e todas mostram vínculos familiares significativos, sobretudo com o núcleo mais próximo (pais, marido e/ou filhos), prestando auxílio e envolvendo-se em situações de doença, trabalho e conflitos. A heterogeneidade do grupo, que apresenta não apenas idades, mas experiências e interesses distintos, foi se constituindo um fator de enriquecimento para o todo e para cada uma, na medida em que todas sentiram-se à vontade e valorizadas em suas particularidades.

Nesse sentido, a leitura solidária, pressupondo a cooperação dos olhares em busca de um objetivo comum – perseguir (mais/ outros) sentidos – é mais do que a justaposição de leituras solitárias, pois ampliam-se as possibilidades de leitura no intercâmbio de perspectivas. Esse aspecto, percebido pelas partícipes, transformou-as em um grupo de leitoras que, com assiduidade, entregavam-se ao debate sobre textos lidos, primeiramente, na solidão. As temáticas foram sendo alinhavadas ao sabor do grupo e das discussões. A primeira discussão proposta para o grupo foi em torno da velhice.

Em relação a essa temática, como prato principal, provocou-se a elaboração de um *contra-poema* coletivo, a partir da leitura do *Envelhecer*, de Mario Quintana (2004, p. 34) e, já nesse momento, a turma começou a revelar-se e a surpreender, não apenas a mediadora, mas também a cada uma suas componentes, pois viam que eram capazes. O poema de Quintana diz o seguinte:

“Antes, todos os caminhos iam./ Agora, todos os caminhos vêm./ A casa é acolhedora, os livros poucos./ E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas”. Já o *contra-poema* propõe uma nova direção para o envelhecimento: *Todos os caminhos continuam indo/ E me chamando./ Caixinha de tilenol e dorflex./ Um livro por companheiro./ Eu quero, além de fantasmas./ Encher a casa de gente/ Contente*. Na perspectiva que aqui se manifesta, o humor marca uma maneira mais otimista de lidar com a passagem do tempo. Além disso, poderíamos opor a nostalgia, a solidão e a fixidez do eu-lírico do primeiro poema, à mobilidade dos caminhos que continuam chamando o sujeito na velhice, à convivência apaziguada com a dor e com as memórias que marcam essa etapa da vida, e à fuga da solidão através do encontro com outros, inclusive através da leitura.

Discutindo as relações entre a velhice e a memória, Bobbio (1997, p. 53-55) assinala que o tempo do velho é o passado, o qual revive na memória:

O grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção. [...] O tempo da memória segue um caminho inverso ao do tempo real: quanto mais vivas as lembranças que vêm à tona de nossas recordações, mais remoto é o tempo em que os fatos ocorreram.

Tal reflexão elucidada o quanto é relevante a possibilidade de reviver o passado através da memória. Essa vivência acontece de modo a ressignificar o momento lembrado e o sujeito que o rememora, e é desencadeada durante a leitura, não apenas por alusões e associações, mas na medida em que ler é um ato que nos implica na inteireza, exigindo que entreguemos nossos *guardados* para a construção de sentidos. Nesse sentido, Bosi (1994, p. 81) entende que

[...] não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Aturada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.

Embora os bonitos e interessantes resgates pessoais que foram protagonizados no decorrer dos encontros, a perspectiva predominante entre as componentes do grupo era menos nostálgica do que de enfrentamento, de disponibilidade perante a vida. Esses aspectos parecem revelar um perfil de velho distinto dos estereótipos sociais que o colocam como um ser *pronto* e, por isso, passivo e estagnado. As partícipes do círculo de leitura mostraram-



se desejosas, não apenas de compartilhar suas memórias, mas de aprender e ser mais, demonstrando-se abertas para o porvir. Acreditamos que tal postura constrói-se em aliança com a leitura, pelas transgressões do mundo e do ser, que ela torna possíveis.

Dentre os temas que mobilizaram reflexões significativas, pode-se mencionar, além da memória, o poder da palavra, sexualidade e conflitos amorosos, feminilidade e masculinidade, a loucura. E quantas outras produções aconteceram... nem todas registradas. Um olhar, uma lágrima, um sorriso, um abraço, um silêncio... Durante cada novo encontro, os sentimentos que afloravam eram acolhidos pelo grupo e desencadeavam inúmeras outras possibilidades de continuar. Podemos dizer que o grupo achou o ponto certo do seu cozimento. Criou-se uma receita única, onde os ingredientes principais foram a confiança, o desejo de compartilhar e pitadas generosas de entrega. Mas essa não foi a única receita criada. Cada uma delas criou uma “receita para se dizer”, a partir da leitura dos poemas do livro *Receitas de olhar* (MURRAY, 1999), onde, além de informar os ingredientes, deveriam prescrever o modo de fazer. Algumas dessas receitas pareceram muito saborosas, como a proposta por Páprica:

*Ingredientes: sorriso, alegria, amor, amizade e tristeza.*

*Modo de fazer: conforme o dia, misturar mais ou menos. Misturar a amizade no sorriso triste, ou no olhar alegre, muitas vezes anulando a tristeza, fazendo que ela não preencha o momento da mistura. Por último o amor. Este não pode faltar sendo o dia que for, pois é este que faz crescer a alegria, a amizade e o sorriso.*

Outra receita compartilhada foi elaborada pela Dedo de Dama. Segue:

*Ingredientes: Ternura + necessidade de companheirismo + sonhadora + sentimental + quase sempre otimista + poucas vezes negativa + gosto por coisas novas, mas também gosto pelo tradicional.*

*Modo de fazer: Misture tudo com as mãos em movimentos leves, como que acariciando o todo da mistura. Colocar em forno aquecido pela energia do coração. Cobertura de chocolate. Comer com gula para completar.*

Fica evidente o quão projetivas são essas produções. A entrega parece ser total. A emoção transborda nas páginas de papel e faz com que cada leitor consiga sentir os aromas e os sabores resultantes de cada nova produção. Ganha nitidez o poder de se expressar sem receio, a certeza da escuta atenta, o dar-se conta dos sentimentos que estavam até então *cozinhando* e que, nesse

momento, vêm à mesa, com todas as suas nuances, às vezes com excessos, às vezes com falta de uma pitada de algo. O certo é que, no final do preparo, no final de cada encontro, o grupo consegue ajustar a receita, ressignifica-a, ressignificando-se. Escreve Páprica, em um desafio de produção proposto espontaneamente, a partir da leitura de um trecho de *Perdas & Ganhos*, de Lya Luft (2003).

*O tempo passou e não vivi aquele momento, hoje na lembrança momentos marcados por um sorriso, uma lágrima, tudo isso são lembranças boas, mas não são reais. Perdas são experiências que de alguma forma são lembradas e nisso tudo é uma forma de ganho em minha vida, pois cheguei aqui para conquistar mais um lugar que perdi no passado.*

As perdas fazem parte da vida desde o nascimento. Porém, é na velhice que elas assumem uma dimensão, por vezes, impactante. Perdemos e ganhamos constantemente, mas nem sempre nos damos conta disso. Em alguns momentos da vida, parece-nos que carregamos nos ingredientes que remetem ao sabor da perda. Por vezes, a velhice acaba sendo temperada com esse sabor. As participantes do grupo, muitas vezes sem dar-se conta da dimensão das suas colocações, evidenciaram, através de palavras escritas, estratégias de enfrentamento em relação às perdas nesse momento da vida. Chilli relativizou-as, escrevendo o seguinte:

*Perdas? Que perdas? Talvez meus dentes... que nunca foram bons e bonitos... mas existem implantes;*

*Talvez a ilusão da infância e da adolescência: mas há ilusão da pessoa pra lá de madura.*

Outra estratégia de enfrentamento que contribui para que as pessoas sigam desejantes é a capacidade de transcender. Essa capacidade permite que a pessoa possa sentir prazer não apenas nas vivências atuais, mas também na possibilidade de deixar algo para as outras pessoas, para as próximas gerações. Assim, se cria uma maneira de sobrevivermos a nós mesmos, uma via de existência para além do nosso corpo material. Podemos, nesse sentido, pensar que o prazer pode ser pleno, não apenas quando saboreamos alimentos, mas quando os preparamos para o deleite de outros. Dona Alecrim escreve:

*A vida é um círculo, é sempre a mesma coisa, mas evoluindo sempre. Tudo acontece, mas tudo é feito. Passa o tempo, mas algo fica. A moda, a música, sempre é renovada, mas o que é antigo retorna.*

*A vida passa, passa... mas a semente do teu amor vai ficar e sempre será lembrado.*

No decorrer dos encontros, o desnudamento foi ficando manifesto, de maneira tal, que na sala de encontros pareceu pairar um pacto, não explicitado, mas assumido, por todas as partícipes, de respeito, entrega e compromisso mútuo. Yunes (1999, p. 20) assinala que

[...] o nível de confiança que se demanda, a intimidade trançada no círculo, não dependem de conhecimento e convivência prévias mas, sobretudo, do 'tom' que o coordenador ou supervisor do círculo deve criar e passar aos convidados como guias de leitura, e do próprio clima criado pelos leitores entre si, nos grupos mais estáveis.

A tarefa que se coloca para o Círculo é fazer luz sobre as cenas de leitura e sobre os atos de construção de sentidos na leitura, sem impor perspectivas. Por priorizar o texto literário, a atividade viabiliza a manifestação polissêmica e, conseqüentemente, maior liberdade de atuação para o leitor, que experimenta a identificação com conflitos e personagens, posicionando-se criticamente e ressignificando seus horizontes pessoais e de leitura. O ato de ler, nesse sentido, assume um caráter subversivo em relação ao tempo, ao espaço e aos limites da realidade e do leitor. A intenção é justamente viabilizar a (re)descoberta da condição de leitor e uma qualificação para a leitura, por conta da troca, do intercâmbio e da interação de vivências e histórias de leitura. Nesse sentido, algumas leituras que faziam parte do repertório do grupo (como Machado de Assis e Simões Lopes Neto), foram revisitadas e os textos tornaram-se outros, diante dos olhos das leitoras, pois foram iluminados pela maturidade e pela discussão. Algumas novidades desafiadoras também foram oferecidas (como Guimarães Rosa, Adélia Prado e Manoel de Barros), e a construção coletiva de sentidos encorajou as leitoras, dando-lhes mais confiança e autorizando-as a ousarem por caminhos novos. Yunes (1999, p. 17) assinala as contribuições da discussão à luz do texto, para a consolidação da consciência crítica e da autoconsciência do sujeito, afirmando que

[...] o esforço para organizar suas ideias, tomá-las lógicas, vencer a timidez, buscar a expressão e lograr comunicar-se resulta, pouco a pouco, na descoberta da própria voz, da própria vez e do 'eu' que se vai construindo dia a dia

nestas reflexões e intervenções. Educa-se o ouvido, a sensibilidade, a inteligência, a língua: o respeito pelos outros, autor e co-autores (leitores) do texto.

No decorrer dos encontros, manifestou-se no grupo a necessidade de dizer-se pela própria voz, redimensionando a ideia de autoria, já concretizada nas propostas de leitura. Como provocação, foi instituído um caderno de registros coletivo, que circulava entre as integrantes do grupo, para a escrita espontânea de experiências pessoais, comentários, ou exercícios poéticos. Essas produções eram também oralizadas e dialogadas no grupo, na medida do desejo das autoras. A experiência de dar corpo às próprias reflexões e sentimentos acresceu liberdade às discussões, consistiu em um atrevimento que o grupo foi se permitindo, timidamente de início e, após, com mais desenvoltura. A própria noção de leitura transformou-se pela experiência de *ser lido* por outros, e viabilizou novos encontros.

Vargas (1997) discute a noção de leitura, afirmando que

[...] é moderno e comum dizermos que na vida tudo é lido. Lemos o dia de sol ou de chuva, a alegria ou a tristeza das pessoas, o terno azul, o vestido estampado, os olhos verdes etc. Enfim, ver e ler tomam-se sinônimos, sendo que o ler recobre o verbo ver de uma camada mais espessa que é a observação. Uma observação que, naturalmente, leva em conta um certo modo de o indivíduo pensar a vida e se relacionar com o mundo. E que é variável conforme o dia, o ângulo do observador, o humor da pessoa que lê/vê alguma coisa.

Em se tratando especialmente do texto literário, a leitura adensa ainda mais o nosso ver, ancorando-o na pluralidade e na ambiguidade, próprias do texto artístico e inerentes à vida. A mesma autora (1997, p. 61) acredita que, mais do que qualquer teoria, ou conceito, a boa leitura do texto literário ensina a compreender o universo em que vivemos e a fazê-lo sem medo. A leitura artística nos oferece pontos de vista móveis e ambivalentes e, com eles, nos ensina a dialética e a dinâmica de tudo e, assim, nos torna melhores como seres humanos, porque nos faculta a perceber as mutações constantes e a “[...] nossa vida como um caleidoscópio: os mesmos elementos gerando desenhos imprevisíveis no visor do tempo”.

Diz-se que os *encontros* somente o são de fato quando os que se encontram saem da experiência transformados. Ler consiste em dispor-se a uma aventura de encontros com o texto, conosco mesmos, com quem fomos, com quem seremos, com quem desejamos ser, com os outros. Talvez o ganho mais significativo construído pelo Círculo tenha consistido na mudança de atitude em relação à leitura, a qual passou de ferramenta, a brinquedo, isto é, de

ação instrumental, que serve a aspectos da vida prática, a ato de deleite. A leitura prazerosa é um traço da atitude que se amarra ao cotidiano e ao olhar sobre ele. Acreditamos que os sujeitos que encontram prazer na leitura estejam melhor instrumentalizados para lidar com a vida, com suas surpresas e diferentes etapas. A leitura, sobretudo a literária, acrescenta muitas possibilidades do que não foi vivido, à vida propriamente dita, e nisso, reside sua riqueza. O texto literário oferece enfoques, não usuais, da experiência humana, auxiliando o destinatário a ultrapassar percepções corriqueiras e levando-o à emancipação. No dizer de Zilberman (2001, p. 91), a arte:

[...] liberta o ser humano dos constrangimentos e da rotina cotidiana; estabelece uma distância entre ele e a realidade convertida em espetáculo; pode preceder a experiência; implicando então a incorporação de novas formas, fundamentais para a atuação e na compreensão da vida prática, e, enfim, é concomitantemente antecipação utópica, quando projeta vivências futuras, e reconhecimento retrospectivo, ao preservar o passado e permitir a descoberta de acontecimentos enterrados.

Com a proximidade do término dos encontros, as participantes falaram sobre essa experiência. Algumas falas foram impactantes, ilustrando a importância de terem participado deste momento para suas vidas:

*Foi através da literatura que consegui colocar para fora um pouco da dor de perder uma filha. (Dedo de Dama).*

*Com esta atividade, perdi o medo do meu passado. (Anis)*

A experiência aqui relatada ilustra uma possibilidade de ressignificar a própria trajetória a partir da renovação da prática da leitura, concretizando sua natureza intersubjetiva. Conquistar novos modos de ler significa, também, experimentar perspectivas, novos modos de ver o mundo, de ser e de conviver. Para as integrantes desse Círculo de Leitura, entregar-se a tal vivência é uma ousadia da qual não se sai ileso: ao passo que a experiência estética nos transforma, ler em círculo nos mostra que sempre há mais para ser lido, sentido e experimentado, pois o lugar a que chegamos nunca equivale ao ponto de onde partimos.

## READING CIRCLE: REFRAMING EXPERIENCES

### abstract

To grow old is no longer synonymous of stagnation and lack of prospects, because, nowadays, it is understood that the subject keeps on learning and forming, throughout life. This article reports the experience of a reading circle designated to people in middle age, basing on studies made by Yunes (1999), Vargas (1997), Zilberman (2001), Iser (1996) and Bobbio (1997), to investigate the reading as a possibility of reframe the internal and external reality. Reading in circle becomes a solidarity and intersubjective exercise of renewal of the practice of reading, which proposes to the partners, new meetings and dialogues.

### keywords

Reading Group. Oldness. Experience. Intersubjectivity.

### referências

- BALTES, P. B.; BALTES, M. M. Psychological Perspectives on Successful Aging: the model of selective optimization with compensation. In: BALTES, P. B.; BALTES, M.M. (Eds.). *Successful Aging Perspectives From Behavioral Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. *Apud* NERI, 2002.
- BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- BOTH, Agostinho. *Educação Gerontológica: posições e proposições*. Erechim: São Cristóvão, 2001.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, vol.1.
- LUFT, Lya. *Perdas & ganhos*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MURRAY, Roseana. *Receitas de alhar*. São Paulo: FTD, 1999.
- NERI, Anita Liberalesso. Teorias psicológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. e Cols. (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 32-45, 2002.
- PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- QUINTANA, Mario. *Antologia Poética*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- SALGADO, Carmen Delia Sánchez. Mulher Idosa: a feminização da velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento*. Porto Alegre, v. 4, p. 07-19, 2002.
- VARGAS, Suzana. Rodas de leitura – o que são, de onde vieram, para onde vão? In: *Leitura: Teoria e Prática*, Campinas, v. 16, n. 29, p. 60-66, jun. 1997.

YUNES, Eliana. Círculos de Leitura: teorizando a prática. *Leitura: Teoria e prática*, Campinas, v. 18, n. 33, p. 17-21, jun. 1999.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

Recebido: 01/10/2010  
1ª Revisão: 25/11/2010  
2ª Revisão: 27/05/2011  
Aceite Final: 16/06/2011